

UM MUNDO SEM SUJEITO OU UM SUJEITO SEM MUNDO

NILSON SANTOS *

RESUMO: Este trabalho foi apresentado no I Colóquio promovido pelo Centro do Imaginário Social com o mesmo tema e versa sobre as relações entre a dinâmica sujeito-objeto e o pensamento ocidental. Em que pese todo o esforço da ocidentalidade, por buscar um mundo sem amarras e crítico que garanta autonomia criativa, que amplie seus os horizontes para a ré-simbolização plena de significados, o que criamos é a expressão de um mundo desprovido de sujeito, despojado do caráter explicativo e interpretativo. Não há lugar para a singularidade do ser social na lógica mais acabada da produção, não havendo lugar, vivemos a práxis social que prescinde de quem o cria estabelecendo sua extensão.

PALAVRAS – CHAVE: Autonomia, Interpretativo, Extensão, Significado.

Abstract : East work was presented at the Symposium promoted by the Centre I of Imaginary Social with the same theme and versa on relations between the dynamic subject-object and the Western thought Despite all the effort of, by seeking a world without tethers and critical guaranteeing creative autonomy, that extend your horizons to full astern-symbolization of meanings, what we create is the expression of a world devoid of subject, stripped of explanatory and interpretative character. There is no place for the uniqueness of being social in logic more finished production, and live social praxis without whom creates establishing their extension.

KEYWORDS: Creative Autonomy, Interpretive, outreach, meaning.

Este trabalho foi apresentado no I Colóquio promovido pelo Centro do Imaginário Social com o mesmo tema e versa sobre as relações entre a dinâmica sujeito-objeto e o pensamento ocidental

Em que pese todo o esforço da ocidentalidade, por buscar um mundo sem amarras e crítico que garanta autonomia criativa, que amplie seus os horizontes para a ré-simbolização plena de significados, o que criamos é a expressão de um

mundo desprovido de sujeito, despojado do caráter explicativo e interpretativo. Não há lugar para a singularidade do ser social na lógica mais acabada da produção, não havendo lugar, vivemos a práxis social que prescinde de quem o cria estabelecendo sua extensão.

Uma das expressões mais acabadas desta idéia nos remonta-nos ao grande mundo medieval, quando acreditávamos ser o deus do cristianismo o demiurgo, que participara de modo decisivo da criação do seu mundo. Havia a sincera crença que o nascimento de uma única folha não aconteceria sem o consentimento divino. A grande chave decodificadora para a vida e seus mistérios estaria em Deus, fundamentalmente no Deus da tradição judaico-cristã. Não havia um único espaço entre o alfa e o ômega que não fosse ocupado pelo criador, cabendo a cada um de nós o papel de criatura obediente, nessa concepção o ser social não cria, antes é criado. Neste mundo, não havia espaços para a práxis social como sujeito.

No movimento historicamente subsequente, deveria ser o momento em que definitivamente o sujeito, desgarrado da cientificidade triunfaria, afinal confiamos a este período o título geral de antropocentrismo, poderíamos supor estarmos assentando as bases para o humanismo, onde definitivamente um tipo de homem se instalaria como o centro da vontade criadora. Em que pese a frágil esperança de alguns utopistas românticos e da filosofia moderna, em atribuir a práxis social o papel de centro do mundo, a resultante final muito embora fosse criação sua, coloca o homem como refém. O meio, para conhecer e reconhecer-se, que é a ciência, toma seu espaço, submetendo-o.

Com o mundo moderno, o referendo para afirmações sobre a verdade e constatações sobre a realidade passa inexoravelmente pelos métodos da ciência, pela divisão da episteme em conhecimentos fracionáveis. Incapaz de dizer o todo, o homem ocidental contenta-se com frações, cuja somatória não representa a totalidade que satisfaça nem mesmo a nossa própria práxis social. Seu resultado nunca é igual ao ser social de expressão polifônica, multifacetado, contradição aglutinada, que se expressa caleidoscopicamente, que re-simboliza a partir das vivências significativas que se envolvam, portanto, instável e improvável, singular e único.

Em que pese a dimensão múltipla do ser social, a voz oficial capaz de referendar a realidade só pode ser encaminhada pela ciência. O dizer, se não se ampara nela, não é merecedor do estatuto de verdade, o que acaba por provocar ou

paralisa inibidora, ou descrédito naquele que persistir em dimensionar algo fora da ciência, a rigor só caminhamos em direções que ela reconheça, não rompemos nada que já não esteja previsto, não criamos, mas, combinamos a partir de dada práxis social, como se ela fosse universal e natural.

Na história da ciência e até mesmo da filosofia nos últimos quatrocentos anos, nada de novo foi estabelecido senão o que era passível de ser mensurado, ponderado, reproduzido, comprovado e comparado. A realidade do nosso mundo está contida exatamente até onde a luz da ciência e da filosofia - bem comportada - consegue atingir.

Desta maneira, o mundo ocidental prima pela inexistência do sujeito, por relações dominadas por objetos, onde tudo é objeto, vivendo sob a mesma à lógica, padecendo da mesma conceituação de qualquer mercadoria. Com os gregos, fomos submetidos a lógica do senhor, que impôs sua expressão de *physis*; até o fim da Idade Média, tornamo-nos objeto dos desígnios de Deus, depois refém da ciência e do capital.

Para a ciência, quanto mais se observa e compreende a natureza, mais se reconhece que por trás de todo caos, do infinito ou dos mundos finitos há uma ordem e grande organização inteligível, tanto isto é palpável que é possível ao ser social compreendê-la e dizê-la. Para os fiéis, dos mais diferentes matizes, afirmações como esta são suficientes para induzi-los a conclusão da existência do criador e a marcha pela sua procura. Para a ciência, a certeza desta verdade é satisfatória para a sua validação e de seu método como instrumento revelador do que supomos realidade, a ciência se auto institui como espécie de sacerdote, que realiza a ponte entre os segredos do universo (sagrado) e o homem (profano), mostrando-se como o caminho (o método), a verdade (veracidade das conclusões a partir do método) e a vida (único procedimento capaz de revelar as verdades universais).

O cientista quando olha para a natureza, percebem perfeições epistemológicas e estéticas, fruto deste sábio equilíbrio imputado à natureza, como se houvesse fora dele o criador de tudo, um inaugurador da gênese do universo.

Se a ciência reconhecer a práxis social como sua criadora,⁴ acabará por tornar-se sua presa, sua criatura declarada, passível de ser limitada e contraditória, tanto quanto, qualquer relação estabelecida socialmente. Não só a ciência teria neutralizado seu papel, mas acabaria por obrigar-se a historicização radical, onde o que se cria deveria se submeter também ao caráter histórico,

cartográfica e temporalmente limitados, entendidos como reais dentro deste estreito patamar de cada práxis social.

Não é sem motivos que a ciência irá protelar, ou dizer-se incapaz de revelar quem é que a tudo origina, mas isto não significa que ela deixará esta questão em aberto, antes imporá a si o desafio de desvendar este mistério, de dentro dos pressupostos metodológicos por ela definidos, o que implica que a descoberta no mínimo não poderá destruí-la, garantindo seu papel religioso de religar o homem e o mistério da criação. Neste contexto a práxis social é mera coadjuvante, ovelha do rebanho da ciência, devedor como sempre.

No mundo grego, fomos devedores por não termos a honra, a dignidade e a índole do senhor, que carregou o árduo fardo da escolha entre o bem e o mal, já que ao restante não cabia escolha, mas a sobrevivência, só era possível por à prova a fidelidade do servo, que só seria digno de elogios, e estaria livre do castigo, se cumprisse bem seu destino de servir ao seu senhor.

No mundo cristão, fomos devedores por não termos respeitado o pacto no paraíso, desobediência suficiente para impor a toda a práxis social o pecado original e o trabalho, ou seja, a certeza de que iniciamos a vida em débito com o criador, sendo imperioso o reparo desta dívida, a subserviência e o arrependimento.

No mundo da modernidade ou da ciência, em que destituímos o deus dos judeus, somos incapazes de dizer este mundo e a nós mesmos sem que haja rigor científico, que imediatamente ocupa o lugar de deus, quão mais fiéis formos à ciência maior nossa chance de não perecer, pois, sabemos pela boca da própria ciência que os órgãos dos sentidos são enganosos, incapazes de codificar e quantificar o real. Poderíamos nos reportar a visão, que no caso do homem é tridimensional, que abriga todas as "imperfeições" decorrentes. Mais crítico ainda é a compreensão da psicologia de atestar ser cada ser social não o que deseja ser, mas o que não sabe ser, desconhecendo a origem de si mesmo, que está no inconsciente. Somente Freud, uni cientista, e os profissionais desta ciência, surgem como interpretes deste obscuro mundo de poucos sabedores. E o ciclo de neutralização se completa quando afirmamos que este inconsciente só é reconhecido ao se revelar a partir de critérios do consciente, que é antes de tudo racional. Neste sentido o inconsciente só é captado pela nossa práxis social, nenhuma outra seria capaz de apreendê-lo e interpretá-lo. Temos dentro de nós algo desconhecido que nos domina, cujo conteúdo não é plenamente revelado e se

o for, manifesta-se pelo orifício de urna ciência. Não há saída se não tornar a práxis objeto da ciência, rendemo-nos ao seu poder criador, de senhor, a escravo o destino está selado.

É a história do criador que é devorado pela criatura. Se Ulisses ao ouvir o canto das sereias (criaturas do mundo grego) tivesse dado ouvidos a elas, seria seduzido pelos seus encantos e teria se destruído, é exatamente o nosso caso, criamos o ritual e o método e nos deixamos ser engolidos, sem tempo de defesa.

O fato de sermos portadores desta deficiência, desta falta de cientificidade, nos garante afirmar que: captamos pelos sentidos as representações e extensões da própria práxis social, não havendo algo fora, mas a humanidade plasmada e cristalizada caleidoscopicamente fora, no existente, exatamente como a complexidade dela, multifacetada e contraditória como ele o é. Os atributos dados ao de fora, não representam nada senão valores sabidos de dentro da práxis social, logo não há objeto, se não há objeto não pode haver um mundo historicamente criado, se não há um único mundo não há consciência, se não há consciência, só posso encontrar o homem, que existe reconhece e se reconhece a partir de uma dada práxis social.

Na nossa práxis social, não é possível reconhecer o ser social como sujeito, os atributos que supomos reconhecer como racionalidade, equilíbrio, previsibilidade, justiça, não são tomados como ação da práxis, de atribuir. Nossa práxis social não percebe que não é a natureza a portadora de equilíbrio ou beleza, mas que esses valores são de todas as práxis social e somente ela pode reconhecê-lo e atribuí-lo. O mundo não surge com a carga simbólica e valorativa com elementos próprios, mas é a ação cuja força está na práxis social, que não é universal e natural, que carrega e compõe em redes de significados, que estabelece a sociedade como existente e consciente, que reconhece a própria consciência, ou a descarta.

Isto implica em dizer que cada conceito e elemento que reconhecemos não são universais, atemporais, e naturais, como se todas as sociedades reconhecessem, modificando apenas seu conteúdo, implica em atitude radical de dissolver todas as práxis sociais, inclusive a nossa.

Diante do mundo acabado, já criado, cabe ao ser social o silêncio, a espera da revelação de deus ou da ciência, o que desemboca na mesma estrutura. Com a filosofia não é diferente, ela sempre partiu da idéia do mundo como já dado, já

criado, cabendo a identificação de seus conceitos, das relações possíveis, não a luta contra a materialidade daquele mundo, que não atinge nossa práxis social de frente, naquilo que ela tem de mais vigoroso.

A filosofia dentro da ocidentalidade representou a voz do senhor, a voz de deus, e mais recentemente a voz da ciência, não é sem motivos que seus resultados são sempre incorporados como conhecimentos para o poder, para a voz dominante, pois, nasce dela, respeitando-a. Nos últimos anos principalmente, a filosofia perdeu totalmente seu caráter crítico, para se tornar pseudociência bem comportada discutindo tema “de dentro” como Estado, democracia, política, bioética, 13 ambientalismo, globalização. Não há filósofos dispostos a falarem contra, a dissolver realidades, pois, todos cederam à ordem, cujo poder de envolvimento é grande, cuja ação centrípeta valida somente o que esteja de acordo com seu núcleo.

Mas este dilema de tomar o nosso mundo como pré-existente, não é um problema absoluto da modernidade. O que supomos ser o berço da filosofia, que nasce em oposição a explicação mítica do mundo também se assenta numa premissa, é claro que a filosofia não poderia se assumir como mito pois o mito está no outro, daí a necessidade de afirmar que a explicação oriunda da razão ocidental rompe com o mito. Daí a necessidade de separarmos o que vem antes e depois de Heráclito, antes temos as conjecturas, depois a realidade, comprimindo cada vez mais os limites do mito para os braços da crença e da religião, dando espaço ao avanço da luz da razão.

A filosofia tem cada vez mais se transformado num processo do pensar bem comportado e respeitoso dentro dos limites aceitos pela razão científica. O pensar na ocidentalidade se orienta somente pela organização racional das idéias, não é sem motivos que pensar e raciocinar são sinônimos. O pensar para a ocidentalidade só ocorre com racionalidade, o pensar é racional, logo tudo aquilo que o homem ocidental tenha produzido intelectualmente ao longo da sua história é imediatamente associado com a razão, sendo possível estabelecer as itinerárias evolutivas sem rompimentos, reconhecendo nas mais diversas manifestações das práxis sociais a presença do pensar como o concebemos, de quase todas as idéias em forma embrionária, na medida em que caminhamos para o passado mais distante.

A razão, a partir desta coerência com a ocidentalidade, para reconhece-se

como atemporal e universal, imprime a fagocitose, fazendo sucumbir qualquer manifestação histórico-cultural da práxis social, reduzindo-a a tentativa de explicar as relações que cria e dominá-la, mais ou menos amparado nela, mas nunca sem ela. Sua onisciência e onipresença estão garantidas, a exclusividade fica patente.

Se a produção científica se orienta pela base racional, o ser social não pode considerar-se criador, mas devedor da ciência, da razão, prisioneiro da ocidentalidade. Emudecido diante do método revelador, deixa de ser sujeito para ser sujeitado, aparece como eunuco, para não se indispor com a ciência e não ser devorado por ela, se silencia diante do poder maior, afinal o dizer fora da razão é insano, é sonho. No mundo ocidental, o homem não determina como deve ser a ciência, mas é o contrário que acontece.

Sujeitamo-nos a objetos da razão, ela sim é o grande sujeito que valida, a práxis social passa a ser passageira, cujos olhos de turista só pode falar das impressões. Como qualquer coisa da natureza - objeto da razão - tornamo-nos também seres passíveis de serem entendidos e nominados pela ciência, cuja resultante não depende de nós mesmos, mas das revelações do método, não somos o que pretendemos, mas o que a razão atinge.

Para falarmos sobre nós mesmos, necessitamos da autoridade reconhecida pela ciência. Precisamos das escoras de Hegel, das interpretações de Freud, das leis de Newton, das fórmulas de Einstein, para apensarmos conhecimentos novos, plenamente previsíveis, como processo, nunca como radical ruptura, como ato de dissolver os sentidos, os significados e o ser social. Se nada pode ser dito sobre cada práxis sem que haja o referendo de uma ciência qualquer, sem que esteja expresso um tipo de racionalidade, não há outro caminho senão a negatividade.

Neste sentido, à vontade, como querem algumas filosofias não é suficientemente forte para dissolver uma realidade já instituída, esse voluntarismo ingênuo nos levam de volta aos mesmos mecanismos explicativos, por estarmos inseridos numa gama de verdades pré-existentes. A vontade mesmo que esteja ancorado na consciência, é a expressão de um tipo de consciência, não podendo haver dissoluções, mas apenas discordâncias educadamente explicitadas pelo diálogo democrático, já que são mantidas as estruturas explicativas e a aceitação de um real pré-existente.

Nossos itinerários se pretenderam nos desgarrar desta práxis social depende

fundamentalmente da nossa capacidade de dissolver mundos, destruir a nós mesmos, sem que reste uma única idéia, senão os da negação precisaram da ira que tudo destrói.

DIES IRAE
DIES ILLAE
SOLVIT SECULUM
FAVILA

DIAS DE IRA
AQUELES DIAS
QUANDO O MUNDO SE
DISSOLVE NAS CINZAS

***Nilson santos.** Professor do Departamento de Educação/UFRO, pesquisador do Centro do Imaginário Social, doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.